

**SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, REVOLUÇÃO  
AGROECOLÓGICA – O MOVIMENTO DE CAMPONÊS A  
CAMPONÊS DA ANAP EM CUBA.**

*Izabela Cristina Gomes da Silva*

<sup>1</sup> Mestranda da Universidade Federal de Pernambuco - Recife – PE. Email:  
izabela.cristinagomes@gmail.com

*Resenha recebida em 07/05/2013 e aceito em 22/58/2013*

No livro: *Revolução Agroecológica – O Movimento de camponês a Camponês da ANAP em Cuba*, de Braulio Machín Sosa; Adilén Maria Roque Jaime; Dana Rocio Ávila Lozano; Peter Michael Rosset, com tradução de Ana Corbisier, da editora São Paulo: Outras Expressões, 152 p., 2012, os autores ressaltam, logo de início, que o mesmo trata-se de um relato de como cresceu, em uma ilha, um movimento impulsionado pela convicção de seus camponeses.

Distribuído em oito capítulos, sendo os dois primeiros destinados à contextualização histórica das condições socioeconômicas, culturais e políticas precedentes à chegada do Movimento de Camponês a Camponês em Cuba, e os capítulos 3, 4, 5, 6 e 7 dedicados a caracterização desse movimento. Apresentando as questões políticas e metodológicas que o envolvem, abordando como cresceu o movimento CAC na ilha, a estrutura da ANAP, a questão de gênero dentro das práticas agroecológicas, como também o papel exercido pelo Estado para o desenvolvimento desse movimento em Cuba. Ao final, no oitavo capítulo, são relatadas as considerações finais do livro.

Na introdução é pontuado que a agroecologia foi à opção mais viável e, de fato, perdurável para a agricultura familiar cubana, em um contexto econômico e ambiental desfavorável em Cuba, iniciado na década de 1990 com a dissolução da União Soviética que subsidiava econômica e politicamente a ilha. “As famílias camponesas de Cuba estão imersas em um processo de resgate, validação e difusão das práticas da agricultura tradicional, assim como no desenvolvimento de tecnologias e conceitos da agroecologia”. (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 25), pois, para os autores, a agroecologia é considerada mais que uma saída à crise existente no país, ela é também uma estratégias de permanência do campesinato enquanto sujeitos e modos de vida.

A partir do conflito de modelos de agricultura, o convencional e o agroecológico coloca-se como sendo a vocação da agricultura camponesa familiar produzir alimentos, diferente da primeira posicionada como “modelo da morte”, que não respeita as condições da natureza nem os seres humanos.

Pontua-se também, nesta introdução, que o método CAC chegou a Cuba em 1997, depois de duas décadas de êxito, sobretudo na Guatemala, México, Honduras e Nicarágua. No entanto foi em Cuba que o CAC obteve maior aceitação. Devido ao fato desse método ter se tornado também uma política territorial do governo cubano.

No primeiro capítulo discutem-se as raízes da agricultura cubana, que antes da Revolução de 1959 era baseada em latifúndios, primeiramente, dedicada à pecuária que depois se converteram em monocultores de cana-de-açúcar e café com mão-de-obra escrava. Em alguns casos, eram cedidos pequenos lotes que se dedicavam à produção de alimentos e os proprietários dessas terras caracterizam o campesinato cubano.

No entanto, segundo os autores, o campesinato cubano era uma massa submetida às relações de produção capitalista com componentes feudais de renda e parceria, concomitantes à falta de direitos e de segurança sobre a terra. É colocado que enquanto esse modelo produtivo era vigente em Cuba as condições no campo eram precárias, com altas taxas de analfabetismo, de mortalidade infantil e problemas nutricionais; além da alta degradação dos solos e devastação das florestas.

A Reforma Agrária cubana veio com a Revolução, que acabou com o latifúndio ao entregar a propriedade da terra para o campesinato e estatizar milhares de hectares de terra. “Mais de 1,2 milhões de hectares passaram a serem exploradas por 100 mil famílias camponesas que, favorecidas pela política de apoio material e técnico da Reforma Agrária e apoiadas em sistemas produtivos diversificados, obtiveram um elevado aproveitamento” (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p., 39). No entanto essa produção se estabeleceu vinculada à Revolução Verde, caracterizada pela introdução de maquinaria, fertilizantes químicos e irrigação em larga escala no campo.

Apesar da dissolução do latifúndio cubano a monocultura permaneceu, porém, com maior diversidade de culturas, produzindo feijão, milho, arroz, batata. Já no setor camponês criaram-se as Associações Camponesas divididas em CCS (Cooperativas de Créditos e Serviços) e a CPA (Cooperativas de Produção Agropecuária), na primeira, cada camponês obtinha sua unidade produtiva e na segunda, a unidade de produção era coletiva.

O segundo capítulo aborda a dependência que Cuba tinha do exterior, vinculada a relação entre esse país e a URSS “Desde os anos 1960 até os anos 1980, os acordos

comerciais favoráveis com o bloco socialista propiciaram o estabelecimento de fluxos de exportações e importações agrícolas com marcada tendência à especialização” (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 46)

Com o início do Período Especial em 1990, deu-se início, urgentemente, a substituição das importações pela produção nacional de alimentos, e em resposta à crise realizou-se: "No contexto do Período Especial, o povo cubano apressou-se em desenvolver e implementar alternativas econômicas, sociais e produtivas, para fazer frente às necessidades, sem o luxo das importações. Austeridade total” (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 47).

Sendo assim, a ANAP (Associação Nacional de Agricultores Pequenos) exerceu um papel fundamental ao adotar várias estratégias para lidar com a situação na qual se encontrava a ilha, como apoiar as iniciativas e inovações/experimentação camponesas, manter e incrementar as reservas de alimentos, animais produtivos e sementes nas mãos do campesinato, priorizando o potencial endógeno das unidades produtivas camponesas e o autoconsumo, para evitar dispêndio ao comprar materiais exógenos à propriedade.

Nos primeiros anos de crise aponta-se o papel relevante da nova geração de cientistas cubanos, os quais vislumbraram outras opções para manejar a terra, opondo-se ao modelo da Revolução Verde, como o Manejo Integrado de Pragas (MIP), que partia da substituição dos insumos químicos por biológicos. “Mas, se há crítica a fazer, é que a substituição de insumos não aproveitava bem as vantagens da agroecologia, pois não rompe com a lógica do uso intensivo de insumos e da dependência” (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 53). Entretanto, foi preciso esse período de substituição de insumos para ganhar tempo e repensar as estruturas e sistemas de produção cubana.

Segundo os autores, o antigo sistema produtivo estabelecido gerava êxodo rural e a partir dos anos 1990 houve um retorno ao campo. Uma vez que foi verificado no setor camponês o favorecimento pela memória coletiva dos saberes-fazeres tradicionais e a vinculação do homem a terra, a recuperação produtiva foi mais rápida que em outras formas de produção.

O terceiro capítulo trata da chegada do CAC, Movimento de Camponês a Camponês a Cuba em 1997. Ao notar que a metodologia de extensão clássica hierarquizada, limitava-se ao número de técnicos disponíveis e à questão “o camponês acredita mais no que faz outro camponês do que no que diz um técnico”. (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 61), foi ressaltado, então, o papel fundamental do campesinato para que Cuba saísse da crise alimentar, econômica, social e política. “A metodologia do CAC não foi inventada em Cuba.

No mundo inteiro e ao longo da história, a família camponesa fez experiências com diferentes métodos de plantio e produção, para depois compartilhar de vizinho a vizinho” (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 61).

Para os autores, em Cuba, o CAC teve maior repercussão que em outros países da América Latina, devido à maior intencionalidade que aquele país deu a este método relacionando a consolidação dessa nova metodologia com as relações e intercâmbios de conhecimentos que a ANAP obtinha e realizava com organizações camponesas e indígenas de outras localidades.

As ações iniciais do método CAC centraram-se no diagnóstico rural participativo, o qual cada camponês visitava a propriedade de outro para verificar juntos quais os problemas que estavam afligindo a unidade produtiva, na experimentação e adaptação de práticas coerentes com as singularidades de cada roça e na promoção e multiplicação de práticas camponesas no campo cubano. “Eis aí a base do êxito da metodologia CAC: descobrir, reconhecer, aproveitar e socializar o rico acervo de conhecimentos das famílias e comunidades agrícolas, ligado a suas condições históricas concretas e a sua própria identidade” (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 67).

Consoante os autores, o protagonismo do campesinato foi essencial para o sucesso dessa metodologia, pois essa classe exerceu, e continua exercendo, fundamentalmente, um papel político dentro das novas condições estruturais e conjunturais cubanas. Assim utilizando também as estruturas da ANAP como suporte fundamental para o trabalho de promoção produtiva agroecológica.

O quarto capítulo aborda como o CAC tornou-se um movimento nacional. Em 2001 foi realizado o Primeiro Encontro Nacional do Programa Agroecológico de Camponês a Camponês e logo a promoção da agroecologia transformou-se em estratégia do movimento. Para os autores, a partir desse momento, a direção da ANAP estabeleceu como missão do agora chamado Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC), seu desenvolvimento por meio da estrutura da ANAP, como via para conservar e transformar a agricultura cubana camponesa em um modelo sustentável. Aqui é ressaltada a função da ANAP para o desencadeamento da agroecologia em todo território cubano, já que esta organização tem como objetivo apoiar a política agrária da Revolução e promover a participação do campesinato na economia e na sociedade cubana.

Devido ao longo trabalho ideológico da ANAP, abordando temas como cooperação, coletivismo, solidariedade e internacionalismo, o campesinato de Cuba conseguiu ultrapassar a visão de seu próprio lote e compreender o seu papel enquanto sujeito social,

que gera alimento para o povo e ao mesmo tempo cuida da natureza. Os elementos básicos para a projeção do MACAC eram: continuar a metodologia CAC, conservar o conhecimento da cultura tradicional, conseguir que os diferentes níveis da estrutura da ANAP ajam como suportes funcionais e mobilizadores durante o processo e medir sistematicamente os resultados e impactos das melhorias na produção. Vale ressaltarmos que a passagem de Programa a Movimento foi uma estratégia, antes de qualquer coisa, política do governo cubano.

O quinto capítulo relata o movimento durante o período de 2004 a 2009, visto que segundo SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 91, o Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC) começou a crescer num ritmo muito mais acelerado a partir de 2004. Naquele tempo conseguiu consolidar vários elementos: o grau de integração agroecológica observada em nível de cada roça; os avanços na metodologia de processos sociais; a produção e a redução do uso de agrotóxicos, assim como sólidas alianças com outros atores sociais cubanos.

A partir de gráficos e dados advindos de pesquisas do Compêndio de Informações do Movimento Agroecológico Cubano, ressalta-se, neste quinto capítulo, o papel da metodologia de processos sociais para o aumento do número de famílias incorporadas ao Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC), como também do número de camponeses promotores, facilitadores e coordenadores do MACAC ao longo desse período de cinco anos. E como consequência da consolidação da ideia de que o camponês confia mais no que diz outro camponês, começou-se a investir em perspectivas que gerassem intercâmbios entre eles.

Contudo, a disseminação e adoção das práticas agroecológicas vão além das roças das famílias pertencentes ao Movimento, isto é, elas estendem-se pelos debates nas assembleias das cooperativas e pelos meios de comunicação que ao gerarem reflexões críticas melhoraram as condições socioeconômicas do povo cubano, como também os aspectos naturais da ilha.

Ao perceber algumas fragilidades no Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC), a ANAP analisou quais eram as melhores experiências agroecológicas do país, objetivando generalizar as estratégias de procedimento rápido e participativo estabelecidas nessas exitosas experiências (essa generalização ocorreu através da realização de oficinas dentro das propriedades camponesas que conseguiram desenvolver em menos tempo a agroecologia).

No entanto o avanço da agroecologia ainda é pouco nas CPAs (Cooperativas de Produção Agropecuária) devido ao fato de que as decisões estratégicas a serem materializadas nas unidades produtivas passam pela Assembleia, diferente da CCS (Cooperativas de Crédito e de Serviços), nas quais as decisões são tomadas pelos camponeses de acordo com a realidade das suas roças. O modelo organizativo de produção em cooperativas cubano acaba desvinculando o homem da terra que maneja, pois a cada dia os camponeses manejarão uma área diferente. Essa estratégia enfraquece o poder de observação e de criatividade que o camponês exerceria se manejasse uma mesma parcela de terra, podendo assim apontar as fragilidades e potencialidades desta.

Portanto o MACAC não avançou com tanta velocidade nas CPAs quanto nas CCS, apesar das estratégias diferenciadas da ANAP para estabelecer o Movimento nas primeiras. “[...] depois da passagem do furacão Mitch, as parcelas agroecológicas da América Central resistiram ao impacto muito melhor do que as parcelas convencionais” (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 105). Essa resiliência também ocorre no Sertão brasileiro, durante os períodos de seca, as unidades produtivas extensivas criadoras de gado não resistem às condições de temperatura e umidade, hídricas e pedológicas, geradas por esse fenômeno. Já as unidades baseadas na diversidade vinculadas ao cultivo de culturas e criação de animais locais, como a palma e o bode, conseguem resistir às condições adversas.

Segundo os autores, a agroecologia é importante para a resiliência e conservação da natureza dentro da ilha, mostrando a capacidade que as unidades agroecológicas possuem de resistir às condições climáticas desfavoráveis e a desastres naturais, como tornados, enchentes, secas prolongadas, entre outras.

O sexto capítulo aborda a diversificação dos papéis nas práticas agroecológicas, buscando a equidade de gênero. Devido à falta de infraestrutura básica no campo, como educação e saúde (além da violência doméstica e do machismo vivenciados), muitos jovens de países como o Brasil, por exemplo, migram para as cidades.

Contudo estes problemas não ocorrem apenas no campo, e devido ao descaso com que os Estados de ideologia desenvolvimentista tratam os povos camponeses, lhes falta assistência para lidarem com essas situações. De acordo com SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, em Cuba, por meio do MACAC, a agroecologia está conseguindo incidir de maneira positiva sobre essas tendências. Aumenta e diversifica os ganhos, além de gerar uma diversidade de papéis sociais para toda a família. E com ajuda da Estratégia de Gênero promovida pela ANAP, combate o machismo e o patriarcado, em suma, o poder exclusivo do homem na unidade familiar.

Como podemos observar, para os autores, não adianta ser agroecológico na roça e injusto/violento dentro de casa, ressaltando que não há agroecologia sem justiça social, sem formas igualitárias de participação, com violência e menosprezo. Vemos a importância das mulheres dentro das unidades agroecológicas, manejando as plantas medicinais, no cuidado com os animais, cultivando hortaliças no quintal e até na prática da *minhocultura*. O governo cubano desde a Revolução tem como pauta a luta pela igualdade da mulher, instituindo um conjunto de leis em favor dela, como o direito a terra e à licença maternidade.

É apontado durante o texto que uma das preocupações da ANAP e do Estado Cubano é a substituição de gerações, já que o Movimento tem que continuar. Mas, como continuar se os jovens não quiserem dar continuidade? Preocupados com essa questão foram feitas entrevistas para saber o que pensavam a juventude sobre o MACAC. “Vários jovens, moças e rapazes, declararam ter permanecido no campo devido ao aspecto interessante e criativo de seu trabalho”. (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 126).

Segundo os autores, a agroecologia, ao disseminar a diversificação, a criatividade e experimentação, é um incentivo aos jovens para manterem-se em seus lugares de origem, diferente das péssimas condições de trabalho ofertadas pelo modelo produtivista monocultor convencional industrial.

O sétimo capítulo relata um conjunto de programas nacionais e de políticas do Estado Cubano que facilitaram a rápida evolução do Movimento Agroecológico na ilha. Sendo eles: o Plano Turquino nas zonas montanhosas, o Programa Nacional de Produção de Meios Biológicos, o Programa Nacional de Tração Animal, o Programa Nacional de Produção de Matéria Orgânica, o Movimento Fórum de Ciência e Técnica, o Programa Cultivo Popular de Arroz, o Programa Nacional de Agricultura Urbana, o Programa Nacional de Melhoramento e Conservação de Solos, o Programa Nacional de Luta contra a Desertificação e a Seca e o Programa Florestal Nacional – Apoia-se legalmente na Lei Florestal.

Ressaltando a política ambiental do governo cubano revolucionário e o papel dos meios de comunicação locais e nacionais de Cuba para a divulgação da agroecologia, afirma-se: “Ao finalizar este trabalho de sistematização de uma década do programa Camponês a Camponês em Cuba, está claro para nós, os autores, que Cuba já tem em suas mãos a resposta para o problema da alimentação”. (SOSA; JAIME; LOZANO; ROSSET, 2012, p. 143). Este livro relata a crise na qual Cuba instalou-se após o esfacelamento da URSS e as estratégias do Estado, baseando-se nas práticas do povo, camponesas e camponeses, para sair da crise, contrapondo a ideia de que o conhecimento tradicional é arcaico e atrasado.

As práticas e ideias agroecológicas ganharam força dentro do Movimento de Camponês a Camponês devido à forma a qual o campesinato maneja a terra. Além de ser uma estratégia para a recuperação dos solos, por exemplo, que estavam degradados devido ao manejo convencional industrial. O campesinato resiste no campo apesar das dificuldades, ao lidar com a natureza relacionando questões simbólico-culturais. Assim o manejo da terra não se resume às técnicas de cultivo, permitindo que o campesinato não mercantilize a terra, a água, as plantas, os animais e as pessoas.

O livro possui caráter inovador por ressaltar que o campesinato, classe discriminada nas culturas ocidentais capitalistas, mostrou ser um agente importante para a solução de problemáticas socioeconômicas, políticas e ambientais cubanas a partir dos anos 90 do século XX.

### **Referências Bibliográficas**

SOSA, B.; JAIME, A.; LOZANO, D.; ROSSET, P. **Revolução agroecológica: o Movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba**. São Paulo: Outras Expressões 2012.